

CULTIVAR E CONSERVAR: UMA REFLEXÃO SOBRE SUSTENTABILIDADE E ESPIRITUALIDADE À LUZ DE Gn2,15

Waldecir Gonzaga*
Filipe Henrique de Araújo****Resumo**

Secas e enchentes, fome e recordes de produção agrícola, ondas de frio e de calor, aumento do nível dos oceanos e desaparecimento de rios. A aparente contradição entre estes fenômenos denota a extensão da crise ecológica que acomete o planeta Terra, a casa comum. Nesse contexto, frequentemente, o avanço tecnológico, não necessariamente engendra um mundo melhor, mas amplifica o poder do ser humano sobre a natureza e esta é agredida pela exploração predatória dos recursos naturais. Todavia, negligenciar o cuidado com a natureza, também é um descuido do ser humano consigo mesmo, não apenas por este ser vítima de catástrofes naturais, como também, por agir dessa forma, infringir a lei de Deus e afastar-se de seu Criador. Assim, uma adequada compreensão da relação do ser humano com a natureza o leva a considerar a sustentabilidade como um elemento importante de sua espiritualidade. Em Gn 2,15 há o mandato de Deus para o ser humano cultivar e manter a criação. Através desse imperativo pode-se refletir acerca da necessidade de se cultivar uma espiritualidade que não prescindia da sustentabilidade. A pesquisa desenvolve-se a partir do Método Histórico-Crítico e de uma pesquisa de cunho exploratório-bibliográfico. Apresenta: tradução, crítica textual e comentário exegético-teológico de Gn 2,15; uma reflexão acerca do conceito de sustentabilidade e das raízes da crise socioambiental atual; a relação entre espiritualidade e sustentabilidade. Visa provocar os leitores a refletirem acerca de uma espiritualidade integral, na qual a conversão expressa o cuidado de si e o cuidado com a casa comum.

Palavras-chave: *Laudato Si'*; Casa Comum; Cuidado; Sustentabilidade; Espiritualidade.

CULTIVATE AND CONSERVE: A REFLECTION ON SUSTAINABILITY AND SPIRITUALITY IN THE LIGHT OF Gn2,15**Abstract**

Droughts and floods, famine and record agricultural production, cold and heat waves, rising sea levels and the disappearance of rivers. The apparent contradiction between these phenomena denotes the extent of the ecological crisis that affects planet Earth, our common home. In this context, technological advances often do not necessarily create a better world, but rather amplify human power over nature, which is attacked by the predatory exploitation of natural resources. However, neglecting to care for nature is also a sign of human neglect of oneself, not only because one is a victim of natural disasters, but also because by acting in this way, one breaks God's law and distances oneself from one's Creator. Thus, a proper understanding of the relationship between human beings and nature leads them to consider sustainability as an important element of their spirituality. In Gn 2,15, God's mandate is given to human beings to cultivate and maintain creation. Through this imperative, one can reflect on the need to cultivate a spirituality that does not dispense with sustainability. The research is developed based on the Historical-Critical Method and an exploratory-bibliographical research. It presents: translation, textual criticism and exegetical-theological commentary on Gn 2,15; a reflection on the concept of sustainability and the roots of the current socio-environmental crisis; the relationship between spirituality and sustainability. It aims to provoke readers to reflect on an integral spirituality, in which conversion expresses care for oneself and care for the common home.

Keywords: *Laudato Si'*; Common Home; Care; Sustainability; Spirituality.

CULTIVAR Y CONSERVAR: UNA REFLEXIÓN SOBRE SOSTENIBILIDAD Y ESPIRITUALIDAD A LA LUZ DE Gn2,15**Resumen**

Sequías e inundaciones, hambrunas y producción agrícola récord, olas de frío y calor, aumento del nivel de los océanos y desaparición de ríos. La aparente contradicción entre estos fenómenos denota la magnitud de la crisis ecológica que afecta al planeta Tierra, nuestra casa común. En este contexto, el avance tecnológico a menudo no crea necesariamente un mundo mejor, pero amplifica el poder de los seres humanos sobre la naturaleza y la naturaleza es atacada por la explotación depredadora de los recursos naturales. Sin embargo, descuidar el cuidado de la naturaleza es también un descuido del ser humano hacia sí mismo, no sólo porque es víctima de desastres naturales, sino que además, al actuar de esta manera, viola la ley de Dios y se aleja de sus Creador. Así, una comprensión adecuada de la relación entre los seres humanos y la naturaleza les lleva a considerar la sostenibilidad como un elemento importante de su espiritualidad. En Gn 2,15 está el mandato de Dios para que los seres humanos cultiven y mantengan la creación. A través de este imperativo se puede reflexionar sobre la necesidad de cultivar una espiritualidad que no prescindia de la sostenibilidad. La investigación se desarrolla con base en el Método Histórico-Crítico y la investigación exploratoria-bibliográfica. Presenta: traducción, crítica textual y comentario exegético-teológico de Gn 2,15; una reflexión sobre el concepto de sostenibilidad y las raíces de la actual crisis socioambiental; la relación entre espiritualidad y sostenibilidad. Pretende provocar a los lectores a reflexionar sobre una espiritualidad integral, en la que la conversión exprese cuidado de sí mismo y cuidado de la casa común.

Palabras claves: *Laudato Si'*; Casa Común; Cuidadoso; Sostenibilidad; Espiritualidad.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Aprovado em 26/10/2024
Publicado em 31/17/2024

Introdução

O Rio Grande do Sul, no início de 2024, deu lugar a uma das maiores tragédias da história brasileira: enchentes, literalmente, destruíram cidades inteiras. Alguns meses depois, o Pantanal e parte da região amazônica arderam em chamas em uma das maiores secas da história. Vê-se, a frequência e a intensidade das tragédias ambientais aumentaram; fenômenos climáticos extremos e totalmente opostos ocorrem não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. Não há apenas um grito, mas a natureza se contorce de dor e impacta a vida de milhões de pessoas.

Esses acontecimentos climáticos nem sempre são catastróficos, de algum modo são perceptíveis pela maioria das pessoas: na aparente desfiguração das características das estações, alguns dias frios no verão e dias quentes no inverno; na mudança ciclos chuvosos; nas variações climáticas no decorrer do mesmo dia; no impacto sobre o preço dos alimentos. Seria possível, inclusive, catalogar longamente os impactos das mudanças climáticas no cotidiano das pessoas, todavia basta o que fora apresentado para se ter em vista que não é necessária uma tragédia para constatar que a maioria das pessoas são atingidas por fenômenos climáticos.

A busca pela causa dessas mudanças é diversa e muitas vezes antagônica, no sentido de há quem a enxerga como algo que independe da ação humana e há outros que creditam exclusivamente a ela. Como ensina o velho Aristóteles, “a virtude dever ter o atributo de visar ao meio-termo” (Aristóteles, 1984, p. 72 ou 1106 b15), portanto, ela não se encontra em algum dos extremos. Desse modo, não se pode negar que alguns fenômenos naturais independem da ação humana, como também não se pode deixar de constatar que outros têm a digital humana.

Voltando-se para a ação humana e a sua relação com a natureza, há dois marcos importantes na recente história da humanidade: a revolução industrial e o período pós Segunda Guerra Mundial. A partir desses dois momentos houve um grande crescimento da atividade industrial e conseqüente uso indiscriminado de recursos naturais e geração de resíduos. Se do ponto de vista social, histórico e econômico esses marcos são de fácil constatação e aceitação, é preciso inquirir-se sobre o que aconteceu com o ser humano nesse período.

Nesse sentido, vê-se que o advento da modernidade e da racionalidade instrumental e científica, paulatinamente, tenta ceifar do ser humano um aspecto essencial para que ele seja integralmente humano: a sua abertura para a transcendência, sua espiritualidade. Essa visão reducionista do ser humano tornou-o extremamente vulnerável. Por exemplo, acreditava-se que através da ciência seria construído o melhor mundo possível, não obstante aos inúmeros avanços, vê-se que ciência não é a panaceia para os males do mundo.

Desse modo, essa frustração pode ter contribuído para que o ser humano buscasse compensações e a orientasse sua vida para o consumismo e a busca do prazer. Entretanto, a vulnerabilidade oriunda da negação da dimensão espiritual não é saciada pelo aumento do consumo e da conseqüente exploração desenfreada de recursos naturais e produção de riqueza. O coração humano busca algo mais, um sentido profundo para a sua vida, que passa

por uma relação harmoniosa com o meio ambiente.

Assim, essa pesquisa propõe-se refletir sobre a necessária relação entre espiritualidade e sustentabilidade. Deus colocou o ser humano em seu jardim para cultivá-lo e conservá-lo, a adequada compreensão desse imperativo contribui para o desenvolvimento de uma espiritualidade sustentável, com o ser humano não destruindo a natureza, pelo contrário, agindo em prol e se tornando uma fonte e esperança para a obra da criação (Gonzaga; Wust, 2023)

. Nela cada sujeito se reconhece como parte da criação e busca relacionar-se amorosamente com as outras criaturas, de modo a não se servir dela a seu bel-prazer, mas zelando pela *koinomia* entre todas as criaturas. Propõe-se nessa pesquisa que a cura para o coração humano e dos males da natureza passa por uma relação harmônica e amorosa entre todas as criaturas.

Para lograr esse objetivo, a pesquisa parte da exegese e do comentário teológico de Gn 2,15. Em seguida reflete-se sobre o conceito de sustentabilidade e sobre as causas da atual crise socioambiental. Por fim, após apresentar o conceito de espiritualidade, busca-se compreender a relação entre esta e a sustentabilidade. A metodologia utilizada foi a bibliográfico-exploratória.

1. Segmentação, tradução e crítica textual de Gn 2,15

O texto de Gn 2,15 apresenta um especial vocabulário para se falar do confiar da obra da criação por parte do Criador nas mãos do ser humano. Tudo é preparado cuidadosamente para que o ser humano entenda que não é dono da natureza, mas servidor da mesma e deve cuidar bem dela, pois trata-se da casa comum. Para tanto, é necessário desenvolver uma Teologia do Cuidado da Criação, da Natureza, a partir de uma união entre sustentabilidade e espiritualidade, ecologia integral e dimensão socioambiental, que repercutam em mistagogia e mística do cuidado da casa comum (Gonzaga; Santos, 2023).

Assim, embora a presente pesquisa trate apenas de um versículo isso não exime os pesquisadores de o abordarem segundo a metodologia exegética, pois somente assim é possível chegar a conclusões adequadas e verificáveis. Para tanto, inicialmente o versículo é dividido em segmentos, a menor unidades textual com sentido, e a tradução é feita a partir dessa divisão. Em seguida, a fim de asseverar a confiabilidade do objeto da pesquisa, o texto, é realizada a crítica textual, na intenção de se trabalhar com o texto que possa ser considerado o mais próximo de um possível texto original (Gonzaga; Araújo, 2024).

Quadro - Segmentação e tradução de Gn 2,15

E trouxe, YHWH Deus, o ser humano	וַיִּקַּח יְהוָה אֱלֹהִים אֶת־הָאָדָם	15a
e instalou-o no jardim do Éden	וַיִּנְתְּנוּהוּ בְּגֶן־עֵדֶן	15b
para o cultivar	לְעֲבֹדָה	15c
e para o conservar.	וּלְשִׁמְרָה:	15d

Fonte: texto hebraico da BHS, tradução e tabela dos autores.

A versão grega da LXX, em Gn 1,15a, traz um acréscimo logo após “אָדָם/*o ser humano*”, com o aposto “ὄν ἔπλασεν/*que modelou*”. O Códice Lenigradense, que traz o texto hebraico, possui maior apoio dos manuscritos e versões, pois a omissão do aposto também ocorre no Pentateuco Samaritano, no rolo de Gênesis da quarta gruta de Qumram e na Vulgata. Além disso, através do critério da crítica interna *lectio brevior potior* (Gonzaga, 2015), corroborou-se a variante apresentado pelo texto do Códice Lenigradense (Texto Hebraico Massorético). Outra variante que ocorre apenas na versão grega da LXX é substituição de “גַּן-עֵדֶן/*jardim do Éden*” por “τῶ παραδείσω/*no paraíso*”. Porém, a leitura do Códice Lenigradense goza de maior apoio e é a leitura recomendada, pois também é encontrada no Pentateuco Samaritano, no rolo de Gênesis da quarta gruta de Qumram, na Peshitta, no Targum e em algumas variantes da Vulgata.

2. Comentário exegético-teológico de Gn 2,15

וַיִּקַּח יְהוָה אֱלֹהִים אֶת-הָאָדָם	15a
E trouxe, YHWH Deus, o ser humano	
וַיִּנְטְלוּהוּ בְּגַן-עֵדֶן	15b
e instalou-o no jardim do Éden	
לְעֲבֹדָה	15c
para o cultivar	
וּלְשִׁמְרָהּ:	15d
e para o conservar.	

Os primeiros capítulos do Gênesis descrevem a criação e aspectos da vida em um mundo sem cidades, falando apenas uma língua, anterior ao desenvolvimento de técnicas agrícolas e da metalurgia, um mundo no qual há serpentes falantes, com elementos típicos de um relato mitológico. Além disso, as narrativas hebraicas, geralmente, são de natureza retórica semítica que visam persuadir seu leitor teologicamente e religiosamente, isso faz com que a cosmovisão, a antropologia, a teologia e outros aspectos do contexto no qual os relatos da criação foram escritos, estejam presentes no relato (Arnold, 2020).

Com isso, nessa pesquisa optou-se por estudar Gn 2,15, no qual YHWH coloca o ser humano no jardim e determina o seu papel no Éden a fim de compreender o papel do ser humano diante da criação. Nesse contexto, percebe-se que se a humanidade obedecer a YHWH não é apenas ela que vai prosperar, mas também todas as criaturas da terra, do céu e dos mares. A partir do imperativo divino para cultivar e conservar, não é exagero reconhecer que o ser humano e toda a criação estão em relação simbiótica, pois beneficiam-se mutuamente quando há uma relação harmônica e cuidadora entre o ser humano e as demais criaturas. É importante partir dessa perspectiva para compreender de que tipo é o protagonismo do ser humano em relação as demais criaturas (Weis, 2013). Para ajudar neste sentido, segue-se o comentário exegético-teológico de Gn 2,15, que intenta corroborar e aprofundar o que já foi dito antes.

O v.15a inicia-se com uma forma verbal da raiz “לקח/*trazer*”¹, o sentido básico dessa raiz é “pegar” e, conforme o contexto, pode significar “trazer”, “tomar para si”, “levar embora”, “aceitar” e “receber”. Frequentemente, funciona quase que como um *verbum relativum*, pois prepara a ação indicada por um verbo subsequente. Essa construção, coloca a ênfase no sujeito de dois modos: a iniciativa é do sujeito verbal e este é o responsável pelas ações. Desse modo, YHWH trouxe o ser humano (a iniciativa divina, v.15a), e instalou-o no jardim do Éden (YHWH é responsável por colocar o ser humano no jardim, v.15b) (Seebass, 1997).

O seguimento seguinte, o v.15b, tem uma forma verbal com a raiz “נחה/*instalar*”. Essa raiz no *qal* significa “descansar”, no *hiphil*, como é o caso do v.15b, pode manter o sentido do *qal* ou pode denotar “pôr”, “colocar”, “instalar”, “depositar” ou “estabelecer”. É utilizado em Is 14,1, Jr 27,11 e Ez 37,14 para indicar o povo habitando na terra (Preuss, 1998). Em relação ao v.15a, no v.15b o sujeito verbal, “YHWH”, e o objeto direto, “ser humano”, se mantém; o novo elemento é dado através do objeto indireto, “no jardim do Éden”.

Os mitos da criação são um fenômeno global, diferentes povos em busca de compreender sua origem, desenvolvem essas narrativas. Um elemento comum em muitos desses mitos é a existência de um lugar ideal, paradisíaco. No mito da criação, no livro do Gênesis, o jardim do Éden é esse lugar (Riding, 2020). Todavia, no Éden, o ser humano não está isento do trabalho, ele deve cultivar a terra (Gn 2,5.15c), ou seja, o trabalho não foi o castigo pela desobediência do ser humano, ele apenas se tornou mais duro (Gn 3,23) (Oblath, 2013).

Desse modo, indica-se que o trabalho é um componente essencial da existência humana e sem cumprir esta obrigação um sujeito compromete a sua capacidade de realizar-se enquanto ser humano. É mister compreender que Gn 2,15 não trata de uma ocupação específica de jardineiro ou agricultor. As formas verbais das raízes “עבד/*cultivar*” e “שמר/*conservar*”, em v.15c-15d, indicam que YHWH confiou ao ser humano um espaço vital, o qual deve ser cultivado e mantido por todos, isto é, através dessas formas verbais toda e qualquer atividade humana deve corresponder ao dever de cuidar da criação (Westermann, 1987).

Essa missão dada por YHWH ao ser humano faz dele participante, segundo suas possibilidades, da ação criadora divina. Isso não confere apenas um caráter honorífico à condição humana, mas torna-o zelador da sacralidade da criação. Embora o jardim do Éden possa ser concebido como o espaço sagrado primal/original (Kang, 2020), ele não deve ser visto como um fato passado, mas sobretudo como um evento futuro, no qual a cooperação do ser humano com YHWH tornará patente a beleza e a sacralidade da harmônica convivência de toda a criação (Mesters, 2012).

Essa compreensão da sacralidade da criação não advém de uma cosmovisão panteísta,

¹ A raiz de uma palavra traz seu significado básico, em hebraico, a raiz é triconsonantal. Nessa pesquisa, opta-se, para facilitar a leitura daqueles que não conhecem o hebraico, por trazer como tradução da raiz hebraica a forma lexical na língua portuguesa. Desse modo, possibilita-se a apreensão do sentido básico de cada raiz para aqueles que não leem em hebraico.

mas é oriunda da presença de YHWH nesse espaço criado por Ele para a habitação humana. Sem negar a existência do “céu”, deve-se afirmar que cuidar da criação, também é cuidar da morada de YHWH, pois este não abandonou o ser humano, mas permanece junto dele (Schacchter, 2013). Além disso, tal abordagem da realidade leva à visão integral do ser humano em seu ecossistema.

3. Reflexão sobre o conceito de sustentabilidade

A Assembleia Geral das Nações Unidas, realizada em 1959, propôs que a década de 60 fosse marcada por esforços para reduzir a pobreza extrema e a miséria nos países não desenvolvidos (Trindade, 1984). Soma-se a essa iniciativa o grande desenvolvimento industrial surgido logo após a Segunda Guerra Mundial, no qual se deu um amplo crescimento da atividade industrial e da utilização de recursos naturais.

Entretanto, a preocupação ambiental não estava presente de modo ostensivo nesse primeiro momento, mas surgiu paulatinamente, inicialmente devido a incidentes pontuais, posteriormente com atividades que impactavam toda uma região ou país e, atualmente, percebe-se que a degradação ambiental leva a efeitos trágicos que não reconhecem as fronteiras e atingem a todo orbe (Barbieri, 2020).

Desse modo, impactos ambientais locais com efeitos globais colocaram toda a humanidade em uma crise socioambiental sem precedentes na história moderna. A forma do ser humano relacionar-se com as demais criaturas, seja seres bióticos, seja seres abióticos, foi ordenada na perspectiva de uma sociedade de consumo em busca do lucro máximo. A maximização da rentabilidade industrial a qualquer preço levou a um desenvolvimento “insustentável”, o que tem provocados inúmeros fenômenos naturais com grande potencial destrutivo (Murad; Tavares, 2023).

Entre os fenômenos naturais e climáticos extremos provocados pela atual crise socioambiental depara-se com o aquecimento global, aumento do nível dos mares, secas e inundações, climas quentes ou frios severos. Rios estão secando, florestas ardendo em fogo, recifes de corais desaparecendo. Os inúmeros biomas afetados podem levar à extinção de várias espécies animais e vegetais. A degradação do meio ambiente não priva a ninguém de suas consequências, diretamente, ceifa vidas, destrói lares e terras cultiváveis; indiretamente, causa desemprego e aumento do preço dos alimentos. Todo esse cenário postula uma mudança de postura, é preciso romper com um modo de vida insustentável (Miller, 2012).

Assim, a discussão da problemática ambiental não surgiu por uma tomada de consciência do ser humano acerca da necessidade de uma relação harmônica com a natureza e de sua função de “zelador” ou “mantenedor” do meio ambiente, tal como lhe foi confiado por Deus. Mas foram as mudanças climáticas e suas consequências que trouxeram essa necessária e urgente questão à baila e a reflexão sobre uma forma de desenvolvimento que não coloque em xeque as gerações futuras.

Desse modo, surgiram, na década de 80, as primeiras reflexões em torno do que se chama desenvolvimento sustentável. Em linhas gerais, nesse primeiro momento, a

sustentabilidade era compreendida como “a utilização de recursos naturais de cada ecossistema de maneira parcimoniosa por populações locais” (Mendonça; Dias; 2019, p. 71-72). Essa compreensão inicial de desenvolvimento sustentável alargou-se com o tempo.

A sustentabilidade, na atualidade, assume uma concepção holística e requer a necessária compreensão da biosfera como um todo relacional, uma parte depende da outra. Isso faz com que a biosfera e o meio ambiente não sejam vistos apenas *a se*, mas como integrantes do ambiente social humano. Essa cosmovisão sustentável afeta a sociedade humana e seus indivíduos de diferentes formas, de modo que exige princípios axiológicos e uma organização social adequados para tornar o desenvolvimento sustentável (Carvalho; Sobrinho; Ramires, 2015).

Com uma concepção holística, o desenvolvimento sustentável não deve ser visto como crescimento econômico, este já demonstrou não ser suficiente para criar um mundo melhor; já aquele, propõe-se a reparar as desigualdades e arbitrariedades entre os seres humanos e entre estes e a natureza (Marujo; Gonzaga, 2020). Dessarte, o desenvolvimento sustentável visa satisfazer as necessidades básicas atuais, mas sem comprometer a vida das gerações futuras. Isso engendra uma sociedade com seus membros em relação harmônica entre si e integrados com o mundo no qual habitam, integração esta que promove o cuidado com a casa comum (Araújo; Barroso; Souza, 2017). Desse modo, compreende-se a definição dada por Silva:

Pode-se conceituar o desenvolvimento sustentável como um processo de transformação que ocorre de forma harmoniosa nas dimensões espacial, social, ambiental, cultural e econômica a partir do individual para global; estas dimensões são interrelacionadas por meio de instituições que estabelecem as regras de interações e que também influenciam no comportamento da sociedade local (Silva, 2015, p. 37).

Leonardo Boff, por sua vez, apresenta um conceito de desenvolvimento sustentável, que segundo o autor, é integrador e sistêmico:

Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida, a sociedade e a vida humana, visando sua continuidade e ainda atender as necessidades da geração presente e das futuras, de tal forma que os bens e serviços naturais sejam mantidos e enriquecidos em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução (Boff, 2016, p. 116).

Esse conceito proposto por Leonardo Boff é oriundo daquilo que Capra chama de ecologia profunda (Capra, 1997). Em sua proposta para um novo paradigma ecológico, el oferece uma cosmovisão na qual nenhum indivíduo ou sociedade está isolado, mas todos os seres estão em relação de interdependência. Rompe-se, com uma ecologia antropocêntrica, na qual o ser humano está acima da natureza e esta possui apenas valor instrumental.

Uma ecologia profunda e integral, desse modo, oferece uma percepção espiritual da natureza, na qual a relação entre as criaturas, permite reconhecer o valor intrínseco de todos os seres e o papel do ser humano na teia da vida (Capra, 1997). Todavia, antes de apresentar a relação entre espiritualidade e sustentabilidade, é preciso refletir sobre alguns fatores que contribuíram para a emergência da crise socioambiental atual.

4. As raízes da crise socioambiental atual

Na reflexão contemporânea encontram-se alguns pensadores que denunciam a indevida relação do ser humano com natureza e suas consequências. Sumariamente, é apresentado a seguir o “diagnóstico do presente” feito por Heidegger, Adorno, Horkheimer e Leff. A partir daí tem-se condições de compreender como uma autêntica espiritualidade leva o ser humano a tomar consciência de seu papel frente a natureza (Gn 2,15) e, assim, encarar a sustentabilidade como um dos aspectos de sua relação com Deus.

A técnica moderna, na visão de Heidegger, possibilitou que o ser humano se transformasse em um “super-homem”, afinal de contas, poucos são os locais que não possuem alguma estrutura construída pelo ser humano, seu poder de intervenção na natureza mudou a sua forma de relacionar-se com o mundo (Rüdiger, 2006). Todavia, esse grande poder conduziu o ser humano a uma subumanidade, na qual tornou-se escravo da técnica (Heidegger, 2002) e esvaziou o seu “mundo” de qualquer coisa que possa ser considerada, no sentido metafísico, essencial e verdadeiro, pois a técnica moderna oculta o ser do ente (Heidegger, 2010).

Essa nova forma de relacionar-se com o mundo a partir do domínio da técnica moderna fez com que o ser humano enxergasse a natureza apenas como matéria e recursos a serem utilizados, não em seu valor intrínseco (Duarte, 2010). Nesse cenário, o ser humano é incapaz de encontrar-se consigo mesmo e sua cosmovisão move-se através do primado do cálculo, ou seja, uma abordagem experimental-positivista da natureza; na aceleração, na qual o sujeito moderno torna-se incapaz de esperar e visa apenas o imediato para saciar seus desejos, na massificação (Heidegger, 2002).

Adorno e Horkheimer (Adorno; Horkheimer, 1985), por sua vez, viveram em uma sociedade na qual a tríade heideggeriana citada acima estava consolidada, o que os levou a refletir acerca da indústria cultural e da cultura de massas. Para estes pensadores, a educação não deve levar apenas um indivíduo a ter uma formação técnica e, conseqüentemente, a um emprego para ter condições de consumir. Vê-se, que para esses pensadores, o ser humano não deve ser formado apenas segundos os requisitos para se viver em uma sociedade capitalista, o ser humano é mais do que um consumidor.

A ruptura com essa racionalidade instrumental se dá através de uma educação integral e humanizante. A educação meramente técnica é considerada pelos autores apenas como sendo uma semiformação e provoca a perda de sua identidade, pois assim há um processo de reificação do indivíduo. Tornando-se “objeto”, “coisa”, o indivíduo deixa de ser “gente”, “pessoa” e ao perder seu status verdadeiramente humano, a sociedade é conduzida à barbárie (ADORNO, HORKHEIMER, 1985). Nessa forma de barbárie o ser humano

instrumentaliza a natureza e seu semelhante, assim a relação com outro e com o meio ambiente orienta-se para a exploração e a dominação (Correia, 2016).

Essa forma de racionalidade que surgiu na modernidade, de algum modo, na atualidade, segundo Leff (Leff, 2014), tenta criar instrumentos e estruturas para apreender a crise socioambiental e encontrar soluções científicas, tecnológicas e econômicas para superá-la. Entretanto, deve-se suspeitar se a mesma forma de racionalidade e de cosmovisão que gerou a crise pode solucioná-la. Esperar que instituições e organizações com uma visão instrumental do mundo consigam dosar o veneno para alcançar a cura pode colocar em risco toda a humanidade. É imprescindível a irrupção de uma nova racionalidade que ofereça bases sólidas para o desenvolvimento de uma cultura que permita a criação de um futuro sustentável.

A conclusão à qual os referidos filósofos chegaram é, razoavelmente, de fácil aceitação. Entretanto, na analítica do tempo presente, desenvolvida por eles, identifica-se que estes também tiveram, em alguma medida, inoculado em suas reflexões o veneno da racionalidade moderna. Isso fica evidente ao se ignorar um componente essencial do ser humano: sua dimensão espiritual. Não basta orientar o ser humano para uma educação emancipadora, uma formação só será integral se o ser humano não for reduzido à sua corporeidade.

Além dos motivos elencados pelos pensadores acima, a negação da espiritualidade, torna o ser humano incompleto e ao se relacionar com o outro e com o mundo, ele será tentado a preencher seu vazio interior com uma busca desenfreada de prazer e poder. Nesse processo, não padece apenas o indivíduo, mas a sociedade humana e todo meio ambiente. A crise socioambiental é uma crise da identidade humana. Ao ignorar Deus, o ser humano perde sua identidade e deixa de cumprir o mandato divino de cuidar da criação (Gn 2,15). Isso torna urgente, como é apresentado a seguir, uma espiritualidade bem cultivada, na qual as pessoas se reconheçam responsáveis pela criação.

5. Espiritualidade e sustentabilidade

Um dos pressupostos para creditar à espiritualidade um papel indispensável na superação da crise socioambiental atual é ter em vista que a liberdade oferecida por Deus associada ao recorrente imperativo bíblico para amar o próximo levará o ser humano a cuidar da criação (Gonzaga, 2024). Assim, a superação de qualquer crise, especialmente a crise socioambiental hodierna, passa, sem sombra de dúvidas, pela conversão. Isso faz com que as comunidades eclesiais assumam um papel importantíssimo no despertar da consciência ecológica, demonstrando que o Evangelho, anunciado e escrito há quase dois mil anos, conserva a sua atualidade, pois aponta para a verdadeira grandeza humana: ter um coração semelhante ao de Deus (Nascimento, 2020).

Embora o conceito de espiritualidade não seja unívoco, é possível apresentá-lo em uma dupla perspectiva, enquanto teologia espiritual a sistematizar a doutrina do desenvolvimento da vida divina no ser humano; e enquanto a relação pessoal de cada indivíduo com Deus (Ruiz Salvador, 1996). Nessa pesquisa, atenta-se a esse segundo aspecto

de espiritualidade, no qual propõe-se a impossibilidade de uma profícua relação pessoal com Deus prescindindo de uma boa relação com toda a sua criação.

Aliás, até referir-se ao meio ambiente como criação e não como natureza, ensina o Papa Francisco, tem um grande significado já que assim se reconhece que tudo que foi criado faz parte de um projeto de amor de Deus, no qual toda criatura tem um valor e um significado. Assim, encarar a criação como um dom do amor divino exige, não apenas a gratidão a Deus, mas atender ao chamado divino para uma comunhão universal de amor (Francisco, 2015). E nesta *koinomia* entre Criador e criatura, radica a dignidade inalienável do ser humano e de toda obra das mãos de Deus (Murad; Susin, 2023).

Essa espiritualidade ecológica e sustentável exige uma nova mística que irá oferecer ao ser humano a necessária *metanoia*, com sua conseqüente reorientação do ser humano para os caminhos de Deus. Essa mudança não é fruto de fato novo, mas do retorno a uma importante fonte: a Sagrada Escritura (Bíblia: AT e NT). Nela vê-se que é necessário ir além de se impedir a degradação do meio ambiente, trata-se de buscar uma hermenêutica sustentável, isto é, o ser humano reconhecendo-se como parte da criação (Kaefer, 2013). A partir daí, o ser humano toma consciência de que toda a criação sofre conjuntamente, todos estão no mesmo barco, todos habitam a mesma casa: a criatura humana e as criaturas não-humanas (Gonzaga, 2022).

Para tanto é preciso superar uma leitura bíblica que legitima a exploração desmedida da natureza pelo ser humano. A hermenêutica sustentável da Sagrada Escritura constata no próprio texto bíblico, que o ser humano deve viver harmonicamente em seu ecossistema. Isso leva a superação do já denunciado antropocentrismo ecológico, que rompeu o vínculo entre o ser humano e a natureza e na contemporaneidade inverte a idolatria e o paganismo da antiguidade, outrora elementos da natureza eram divinizados, agora o ser humano torna-se um deus insaciável e destruidor da natureza (Andrade, 2023).

Perceber-se como parte de um projeto maior, que é fruto de uma espiritualidade com raízes bíblicas na qual o ser humano, através dessa experiência com Deus, é capaz de reconhecer seu papel de cultivar e de manter a criação (Gn 2,15). Dessa autêntica comunhão com Deus, o ser humano não mitiga apenas os desastres ambientais e conserva sua vida, mas, sobretudo, a espiritualidade sustentável promove a comunhão de amor querida por Deus entre todas as suas criaturas (Reimer, 2008).

A promoção de uma espiritualidade ecológica e sustentável depende da conscientização da Igreja de seu papel na promoção do desenvolvimento integral do ser humano e da sociedade como um todo. Obviamente, a Igreja não possui os meios concretos para tal tarefa, mas ela não pode coadunar com uma visão platônica da realidade na qual manifesta-se uma dicotomia a valorar apenas a transcendência e ignorar a imanência. Os ministros e o magistério precisam assumir um posicionamento equilibrado quanto a essas questões, pois dela depende o futuro do mundo (Rodrigues, 2010).

Essa necessidade foi percebida desde o Concílio Vaticano I (Pio IX, 1870), no qual afirma-se a possibilidade de se chegar ao conhecimento do Criador através da criação e desenvolveu-se ao longo dos séculos XX e XXI, nesse contexto, a *Laudato' Si*, advoga para si o título de primeira encíclica ecológica, na qual, além da constatação da crise

socioambiental, o Papa Francisco convoca os cristãos e toda a humanidade para uma conversão ecológica.

Para o Santo Padre, a conversão ecológica implica gratidão por reconhecer a criação como um dom recebido do amor do Pai. Isso leva o crente a contemplar o mundo não como alguém estranho a ele, mas como parte dele, no qual toda a criação está em relação e, assim, levar adiante seu mandato de cultivar e manter o jardim (Gn 2,15), isso fará com que cada sujeito se comprometa a resolver os dramas do mundo. A superioridade do ser humano entre as demais criaturas não possui função honorífica, mas faz de cada sujeito responsável pela Casa Comum (Francisco, 2015).

Ao propor a conversão ecológica, o Papa Francisco lançou as bases para uma espiritualidade sustentável. Essa forma de relacionar-se com Deus elimina a dicotomia corpo e alma, pois a espiritualidade bíblica apresentada na *Laudato' Si* é integral (Marujo; Gonzaga, 2020). Essa característica, faz com que cada sujeito busque se reconciliar com a criação ao tomar consciência do quanto a obra de Deus foi agredida pela humanidade. Através de uma espiritualidade sustentável, o ser humano será capaz de voltar-se para o verdadeiro bem, que passa pelo cuidado, a contemplação da criação e por uma vida essencialmente comunitária (Frei Betto, 2016).

Considerações finais

O texto de Gn 2,15 não apresenta graves problemas de crítica textual e nem dificuldades para a tradução. Nessa pesquisa, optou-se, a partir do campo semântico dos verbos utilizados, em optar por aqueles que na língua de destino (português) sejam mais adequados para “pessoas” do que para “objetos”, o que levou a uma distinção em relação as traduções mais populares, entretanto, conservou-se o que se acredita ser o sentido pretendido pelo autor: o ser humano não é uma “coisa” nas mãos de Deus, mas uma “pessoa”.

Em seguida desenvolveu-se o comentário exegético-teológico de Gn 2,15. Nele pode-se constatar que ao colocar o ser humano no jardim do Éden, Deus não pretendeu oferecer-lhe uma vida fácil com inúmeros deleites e conforto. Tal como seu Criador, o ser humano deve ser um trabalhador. E ao obedecer ao mandato divino, o trabalho humano participa da atividade criadora, cultivando e conservando a natureza, e não com espírito depredatório, consumista e destruidor. Desse modo, pode-se entrever, que a destruição da criação é uma frontal desobediência a Deus.

A reflexão acerca da sustentabilidade, logo após esse comentário, permitiu reconhecer, sem forçar o texto e sem incidir em anacronismo, que Deus ordena ao ser humano que tenha uma relação sustentável com a natureza. Afinal de contas, o que seria cultivar e conservar o jardim, senão promover um desenvolvimento sustentável, no qual toda a criação está unida em uma comunhão de amor? Essa postura não é mera obediência ao Criador, mas o reconhecimento de que, embora Deus seja diferente de sua obra, ao criar, deixou nela seu *imprimatur* (Rm 1,20), o que confere a criação uma dignidade inalienável.

Se bíblicamente vislumbra-se que uma vida coerente com os desígnios de Deus assume

a sustentabilidade como um valor de primeira grandeza. Ao se investigar as causas da crise socioambiental atual vê-se que se o ser humano não cultivar sua amizade com Deus, ele se posicionará diante da criação como um deus. O antropocentrismo radical, faz com que o ser humano se relacione com a criação numa perspectiva de dominação e exploração predatória, todavia, essa forma de vida não confere sentido a existência humana.

Como não basta apresentar o problema e suas possíveis causas, na sequência, essa pesquisa apresentou o que é espiritualidade e como que esta não é estranha à sustentabilidade. Aliás, espiritualidade e sustentabilidade estão em relação necessária, não contingente. Para corroborar essa visão, foram apresentados alguns elementos do Magistério do Papa Francisco e a reflexão de alguns teólogos cristãos.

Espera-se que através dessa pesquisa, os leitores possam comprometer-se com a conversão ecológica, na qual o protagonismo dado por Deus ao ser humano, não lhe dá o direito de manipular e utilizar as demais criaturas indiscriminadamente. Cabe ao ser humano cultivar e conservar o jardim; nessa relação harmoniosa expressa-se o agir humano em conformidade com o projeto de Deus. Dizer que se ama o Criador e depredar sua criação, é um insulto. Assim compreende-se que a espiritualidade sustentável é uma nova forma de referir-se à prática de amor do ser humano para com Deus e com o cuidado para com a casa comum, pensando não apenas em si, mas igualmente no próximo e em toda a obra da criação.

Referências

- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. (1985). *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ANDRADE, A. L. P. (2023). *Bíblia e Sustentabilidade: A consciência ecológica como paradigma de uma nova Hermenêutica Bíblica*. *Perspectiva Teológica*, [s. l.], v. 55, n. 2, p. 383-404.
- ARAÚJO, K. K. S.; BARROSO, C. M. R.; SOUZA, E. J. C. (2017). *Os paradigmas da sustentabilidade: entre o ecodesenvolvimento e o desenvolvimento sustentável*. *Revista Contexto Geográfico*, Maceió, v. 2, n. 3, p. 76-85.
- ARISTÓTELES (1984). *Tópicos dos argumentos sofisticos. Metafísica (Livro I e Livro II. Ética a Nicômaco. Poética*. São Paulo: Abril Cultural.
- ARNOLD, B. T. (2020). *Genesis and the challenges of a 21st-century reading*. *Pro Ecclesia*, [s. l.], v. 29, n. 4, p. 387-406.
- BARBIERI, J. C. (2020). *Desenvolvimento Sustentável: das origens à agenda 2030*. Petrópolis: Vozes.
- BOFF, L. (2016). *Sustentabilidade: O que é - o que não é*. Petrópolis: Vozes.
- CAPRA, F. (1997). *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix. (ebook)
- CARVALHO, S. A.; SOBRINHO, L. L.; RAMIRES, C. C. (2015). *O paradigma de desenvolvimento sustentável e de sustentabilidade na modernidade: utopia ou realidade*. *Revista FSA*, Teresina, v.12, n.1, p. 61-78.

- CORREIA, F. C. (2016). *Theodor Adorno e o problema da (semi)formação*. Kínesis, [s. l.], v. 8, n. 16, p. 110-126.
- DUARTE, A. (2010). *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds.). (1997). *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft.
- FRANCISCO. (2015). *Carta Encíclica Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas.
- FREI BETTO. (2016). A espiritualidade proposta pela encíclica Louvado Sejas. In.: MURAD, A. T.; TAVARES, S. S.; *Cuidar da casa comum: Chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si*. São Paulo: Paulinas, p. 157-168.
- GONZAGA, W. A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia. (2015). In: MAZZAROLLO, I.; FERNANDES, L. A.; CORRÊA LIMA, M. L. *Exegese, Teologia e Pastoral: relações, tensões e desafios*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Santo André: Academia Cristã, p. 201-235.
- GONZAGA, W. (2022). Cuidar da casa comum, que sofre, geme e chora, à luz da Teologia Bíblica da Laudato Sí' e Rm 2,28. *Ephata*, [s. l.], v. 4, p. 99-125.
- GONZAGA, W. (2024). Liberdade para o Planeta Terra, nossa Casa Comum. *Creatividade - Revista da Cultura Religiosa*, v. 2024, p. 48-54.
- GONZAGA, W.; FERREIRA DOS SANTOS, J. M. (2023). *A vocação ao cuidado da terra: uma leitura a partir de 2Pedro 1,3-11*. *Pesquisas em Humanismo Solidário*, Salvador, v. 3, n. 1, p. 5-32.
- GONZAGA, W.; ARAÚJO, F. H. de. (2024). “O reino dos céus será semelhante a dez virgens”: análise de Mt 25,1-13. *Estudos Bíblicos*, São Paulo, v. 39, n. 148, p. 271-283.
- GONZAGA, W.; WUST, D. A. (2023). O ser humano como esperança da criação: A teologia ecológica de Ioannis Zizioulas à luz de Rm 8,19-22. *Revista Davar Polissêmica*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 563-583.
- HEIDEGGER, M. (2002). *Contribuciones a la filosofía (del acontecimiento)*. Santiago de Chile: RIL.
- HEIDEGGER, M. (2010). *Meditação*. Petrópolis: Vozes.
- KAEFER, J. A. (2013). *Bíblia e sustentabilidade: fazendo caminho*. Caminhando, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 7-19.
- KANG, S. I. (2020). *The Garden of Eden as an Israelite Sacred Place*. *Theology Today*, [s. l.], v. 77, n. 1, p. 89-99.
- Leff, E. (2014). *La apuesta por la vida: Imaginación sociológica e imaginarios sociales en los territorios ambientales del sur*. México: Siglo XXI.
- MARUJO, M. P.; GONZAGA, W. (2020). A sinergia entre a Encíclica Laudato Si', Rm 8,22 e o poema “Os Estatutos do Homem”: provendo uma cultura sustentável para a Criação, “que geme e sofre como que em dores de parto”. *Yachay*, Cochabamba, Bolívia, n. 71, p. 25-53.
- MARUJO, M. P.; GONZAGA, W. (2020). Sustentabilidade e inovação: sinergia necessária para a gestão sustentável na Arquidiocese do Rio de Janeiro. *RH Visão Sustentável*. Faculdade Cesgranrio. Rio de Janeiro-Brasil - v.2, n.4, p. 150-169.
- MENDONÇA, F.; DIAS, M. A. (2019). *Meio ambiente e sustentabilidade*. Curitiba: Intersaberes.

- MESTERS, C. (2012). *Paraíso Terrestre: Saudade ou esperança?* Petrópolis: Vozes.
- MILLER, G. T. (2012). *Ecologia e sustentabilidade*. São Paulo, Cengage Learning.
- MURAD, A. T.; SUSIN, L. C. *Dignidade, direitos e cuidado: Uma leitura ecoteológica*. *Perspectiva Teológica*, [s. l.], v. 55, n. 2, p. 291-314.
- MURAD, A. T.; TAVARES, S. S. (2023). Justiça ambiental e sustentabilidade: alertas e esperanças. *Perspectiva Teológica*, [s. l.], v. 55, n. 2, p. 283-290.
- NASCIMENTO, J. (2020). Teologia e Ecologia: Em busca de soluções para conquista de uma vida sustentável. *Ciberteologia*, [s. l.], v. 63, p. 78-89.
- OBLATH, M. D. (2013). The Garden of Eden: Peeling back the layers to reveal the simplicity of the story. *CCAR Journal*, [s. l.], v. 60, n. 4, p. 171-181.
- PIO IX. (1870). *Constituição Dogmática Dei Filius*. In: DENZINGER, H. (2007). *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas; Loyola.
- PREUSS. אֱלֹהִים. (1998). In: BOTTERWECK, G. J. *Theological dictionary of the Old Testament*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, p. 277-286. v.9.
- REIMER, H. (2008). *Sustentabilidade e cuidado: contribuições de textos bíblicos para uma espiritualidade ecológica*. *Ciberteologia*, [s. l.], v. 18, p. 85-95.
- RIDING, C. B. (2020). *The Garden of Eden: Genesis and Ancient Myths contrasted*. *The Reformed Theological Review*, [s. l.], v. 79, n. 3, p. 157-185.
- RODRIGUES, V. J. C. B. (2010). *A Igreja Católica e o Desenvolvimento Sustentável*. *Revista Ciências da Religião*, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 198-233, 2010.
- RÜDIGER, F. (2006). *Martin Heidegger e a questão da técnica: prospectos acerca do futuro do homem*. Porto Alegre: Sulina.
- RUIZ SALVADOR, F. (1996). *Compêndio de teologia espiritual*. São Paulo: Loyola, 1996.
- SCHACHTER, L. B. (2013). *The Garden of Eden as God's first sanctuary*. *Jewish Bible Quarterly*, [s.l.], v. 41, n. 2, p. 73-77.
- SEEBASS. אֱלֹהִים. (1997). In: BOTTERWECK, G. J. *Theological dictionary of the Old Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, p.16-21. v.8.
- SILVA, C. L. (2015). Desenvolvimento sustentável: um conceito multidisciplinar. In: SILVA, C. L.; MENDES, J. T. G. (orgs.). *Reflexões sobre o desenvolvimento sustentável: agentes e interações sob a ótica multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, p. 11-40.
- TRINDADE, A. A. C. (1984). *As Nações Unidas e a nova ordem econômica internacional*. *Revista de informação legislativa*, [s. l.], v. 21, n. 81, p. 213-232.
- WEIS, R. D. (2013). *We are all connected: toward a biblical theology of creation*. *Lexington Theological Quarterly (Online)*, [s. l.], v. 45, n. 3-4, p. 57-67.
- WESTERMANN, C. (1987). *Genesis 1-11: A Commentary*. Minneapolis: Augsburg Publishing House.

Informações sobre os autores

Waldecir Gonzaga

Doutor e Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália). Possui um Pós-Doutorado pela FAJE (Belo Horizonte, Brasil) e está realizando um segundo Pós-Doutorado junto ao PPGTeo PUC-RS (Porto Alegre, Brasil). Atualmente é diretor e professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio. É criador e líder do Grupo de Pesquisa Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/369991>).

E-mail: waldecir@hotmail.com

*ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>

Filipe Henrique de Araújo

Mestrando em Teologia Bíblica pela PUC-Rio. Possui graduação em Filosofia pela Faculdade São Luiz (2013), graduação em Teologia pela Faculdade Dehoniana (2021) e especialização em Teologia Contemporânea pela Centro Universitário Claretiano (2017). Participa do Grupo de Pesquisas Análise Retórica Bíblica Semítica, liderado pelo professor Dr. Waldecir Gonzaga e do Grupo de Pesquisas Tradição e Literatura Bíblica, liderado pela professora Dra. Maria de Lourdes Corrêa Lima, ambos credenciados junto ao CNPQ.

Contato: filipearaujo.scj@gmail.com

** ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6840-1797>

Contribuição dos autores

Concepção e elaboração do artigo, coleta e análise de dados; escrita do texto e revisão da escrita final.

Dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Declaração de conflitos

Os autores declaram que não possuem nenhum interesse comercial ou associativo que represente conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Financiamento

Não contou com apoio e fomento.